

REFLEXÕES SOBRE OS DESAFIOS DO RETORNO DAS AULAS PRESENCIAIS PARA EDUCAÇÃO INFANTIL

Sidycleide Gomes de Souza Lucena¹
Valdir Ferreira de Lucena Filho²
Marcia Cristina Buarque Araújo³
Anderson Pereira Santos⁴

RESUMO

Este artigo tem por finalidade trazer algumas reflexões no que diz respeito ao retorno das aulas presenciais para educação infantil. Abordaremos também as questões emocionais vivenciadas pelos professores e alunos e como elas podem influenciar na aprendizagem e no desenvolvimento cognitivo, motor e social desses indivíduos. Para complementar nosso debate sobre o tema convidamos todos a pensar sobre o quanto o acolhimento e a empatia é importante e deve estar presente neste retorno e como o lúdico vai auxiliar nesse processo educacional tão importante para essas crianças que voltam ao convívio escolar depois de passarem por um longo período de distanciamento social devido a COVID-19. Para termos científico deste estudo, este trabalho tem como parâmetro metodológico a abordagem de revisão de literatura sistêmica criativa Montuori (2016) e Walker (2016) como procedimento. Para aprofundamento do tema também utilizaremos como base para estudo e escrita autores como, Paín (1985), Kishimoto (2017), Oliveira (2019), Dantas (2019), Ferreiro (1999), Taille (2019), Possebon (2020) Wallon (1975). Andrade (1995) entre outros.

Palavras-chave: Educação Infantil, Emoções, Ludicidade, Educador

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá - AL. Especializando em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Centro Universitário Tiradentes (UNIT-AL); Especializando em Neuroeducação pela Universidade Estácio de Sá - (UNESA-AL). sidycleide@hotmail.com;

² Graduado em Administração, pela Universidade Estácio de Sá Alagoas. Especialista em Telecomunicações e Redes de Computadores: Tecnologias Convergentes, pela Universidade Estácio de Sá - AL. Especialista em Gestão Pública, pela Escola Superior do Ministério Público da União (ESMPU-DF). Tutor de Ensino à Distância - EAD-MPT. valdir.lucena@outlook.com;

³ Graduada em Psicologia - Centro Universitário CESMAC. Pós -graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional - UNIT. Pós-graduada em Gênero e Diversidade na Escola - UFAL. Pós graduada em Gestão Estratégica de Recursos Humanos; mcbaraujo2000@gmail.com;

⁴ Anderson Pereira Santos. Licenciado em Música - Ênfase em Canto -pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Aluno de Canto Erudito pela Escola Técnica de Artes (E.T.A). Especializando em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Centro Universitário Tiradentes (UNIT). Possui experiência em educação musical de crianças e adultos, abrangendo: canto coral, flauta doce, teoria musical básica, e ensaios em coros artísticos e religiosos em Maceió/AL. E-mail: andersonmusik30@gmail.com

INTRODUÇÃO

“Não se preocupe, vou garantir que amanhã seja um grande dia. Eu prometo!”. Nem todos os dias são alegres porque assim é a vida. Não depende apenas do nosso querer, mas também das circunstâncias. Podemos até ser mais positivos em relação a como encarar as coisas, mas há coisas que não carregam nenhuma positividade. Os “altos e baixos” da vida servem para conferir significado a cada momento vivenciado. (A personagem “Alegria” fala para os demais se referindo à Riley. Filme Divertidamente)

Divertidamente é uma animação da Disney que debate o tema da inteligência emocional de forma lúdica e didática. Ao discutir sobre emoções tão abertamente, se tornou uma referência no assunto, capaz de entusiasmar tanto famílias quanto educadores no seu trabalho e convívio diário com seus alunos (as) e filhos (as). Para quem ainda não assistiu, a protagonista é uma garota chamada Riley. Ela se encontra feliz na cidade em que mora com seus pais. Além do vínculo familiar, também pratica esportes e cultiva amizades verdadeiras. Porém, ao completar 11 anos, mudanças inesperadas fazem com que sua vida comece a perder o sentido.

De repente, a garota se vê confusa diante de um misto de emoções frustrantes e diferentes da habitual alegria que sentiu na maior parte da sua infância. Por trás dessa dificuldade em se adaptar, estão as suas emoções como personagens que sempre tentaram fazer de tudo para que ela se sentisse feliz na maior parte do tempo. O que esse time acaba descobrindo é que o campo emocional de um ser humano é muito mais complexo e não se resume apenas a nos sentirmos bem.

Antes de iniciarmos nossa reflexão sobre o tema é fundamental trazemos a história supracitada para essa nova realidade que está por vir, pois, as emoções continuam muito latentes diante de tudo que enfrentamos nesses últimos tempos, é muito importante falarmos das emoções que sentimos diante dessa volta às aulas presenciais, é inegável que o medo ainda faça parte deste momento. Então a habilidade emocional tem que ser trabalhada de forma ainda mais forte e continuada por todos que fazem parte deste universo educacional.

Conforme Possebon (2020, p. 7), “[...] ao vivenciar o aqui e o agora pleno de significados afetivos, o indivíduo é tocado em suas diferentes dimensões física, vital, mental, emocional, espiritual”. A autora complementa, “o ser humano é uma inteireza e qualquer dimensão sua necessariamente afeta as demais pois estão implicadas e influenciando-se mutuamente”.

E a educação infantil não fica fora deste contexto, continuamos em um momento atípico, mesmo que aparentemente “mais tranquilo”. As crianças e suas famílias tiveram que se adaptar a uma realidade bem diferente do que estavam acostumados, lidar com momentos difíceis, não é fácil e muitos não conseguiram ter ou manter a habilidade emocional intacta para oferecer ao outro a acolhida e a calma necessária.

Na outra dimensão do “Iceberg” estão os professores, tiveram que se reinventar da noite para o dia, encontrando meios para continuarem seu trabalho fora da sala de aula presencial, tiveram que aprender a lidar com as tecnologias de forma mais intensa, como nunca fizeram antes, e com isso muitos desenvolveram ansiedade e outras doenças, a pressão e preocupação com o desenvolvimento de seus alunos levaram muitos a pedirem afastamento e até mesmo demissão.

As emoções são naturais do ser humano e nos últimos tempos afloraram com muita intensidade devido o distanciamento social, momentos de angústias, medos e insegurança que mesmo agora ainda estão muito presentes, são como “fantasmas” em nosso cotidiano. Porém, seres humanos são movidos a desafios e no cenário atual que se apresenta com o retorno das aulas presenciais para educação infantil esses desafios têm que ser ultrapassados e trocados por superações e conquistas.

Para que o planejamento seja alcançado com sucesso, será preciso levar em consideração como essa criança se encontra, como estão suas emoções, para que o processo de aprendizagem volte a aconteça de forma significativa, a empatia e resiliência tem que fazer parte do cotidiano em relação a esses indivíduos e a todos que fazem parte do contexto escolar. Junto a essas crianças estão suas famílias que não deixam de ser um balizador para o educador voltar a “conduzir” o caminho do ensino-aprendizagem desses alunos.

Sabemos que durante este processo de distanciamento da escola física o ensino tomou novos rumos com as aulas em formato remoto. Entre tanto, a questão da socialização ficou comprometida neste tempo, principalmente em relação a educação infantil. Segundo Oliveira, 2019 (apud Vigotiki, p. 49), [...] a aprendizagem desperta processos internos de desenvolvimento que só podem ocorrer quando o indivíduo interage com outras pessoas [...]. O autor deixa claro que não só para a criança como para todo ser humano aprender em grupo é mais prazeroso, pois, aprender com outro nos faz reaprender e dá significados diferentes a essas novas aprendizagens coletivas, entretanto, a nossa individualidade sempre irá existir mesmo inserido em um grupo.

Diante deste cenário descreveremos aqui os alicerces que condizem este artigo com o objetivo de fazermos uma reflexão sobre os desafios do retorno das aulas presenciais para educação infantil, como também as questões emocionais que esses indivíduos podem vir a trazer para sala de aula e dificultar assim sua aprendizagem cognitiva, motora e social. Trataremos da importância do lúdico para o desenvolvimento educacional destes aprendizes. Veremos nos próximos seguimentos o parâmetro metodológico da pesquisa de revisão de literatura criativa, sistêmica e dialógica como procedimento e para finalizarmos sugestões de atividades para os profissionais trabalharem a questão da saúde emocional com seus aprendentes de forma prazerosa e leve.

METODOLOGIA

Levando em consideração toda a problemática que envolve este tema tivemos como parâmetro metodológico a abordagem de revisão de literatura criativa, vista pelo aspecto da pesquisa criativa de Montuori (2016) e Walker (2016). A finalidade deste artigo é atrair os leitores a perceber como a revisão de literatura pode ser dirigida de forma sistêmica e dialógica. Refere-se a um conceito que pretexto a perspectiva de mera reprodução da revisão de literatura, que faz aplicação da memorização e regurgitação para complexificar as concepções já estabelecidas.

A revisão da literatura defendida por Montuori (2016) abre um ensejo para pesquisas criativas, onde o revisor é parte ativa no processo da escrita e na elaboração de uma interpretação da comunidade e de sua alocação, ao invés de mero espectador que busca apenas reproduzir os textos já publicados, seu papel é de instigar o leitor continuar lendo, não tornando esse processo cansativo e desmotivante.

Movida pelas ideias de Montuori (2016) a pesquisadora Walker (2016) percebeu como análises da literatura podiam ser situadas sistemicamente e, por meio disso, podemos observar vinculações e relacionamentos entre pessoas e ideias, onde textos palestram entre si como numa conversa respeitosa, tipificando temas, conexões e gerando novos erudições, em um processo criativo e construtivo.

Para a autora a literatura pode criar um conhecimento que pode vir a ser transformador — e que só o é transformador pelas “contínuas novidades em nossas vidas, tais como o conhecimento, a especialidade, o significado e a identidade.” Consequentemente, adota uma

posição em que aponta como análises de literatura podem ser vistas ao mesmo tempo como sistêmicas e dialógicas. Portanto, deixa claro que essa forma de abordagem defendida por Moutouri (2016) cria energia e entusiasmo para saber o que surgirá.

Assim sendo, tendo como alicerce esses fundamentos, com este artigo pretendemos estimular o leitor a aguçar o interesse pelo tema sugerido e refletir sobre os desafios do retorno das aulas presenciais para educação infantil, já que esta volta do “novo normal” traz inúmeras incertezas tanto do ponto de vista educacional quanto do emocional, nossa pretensão é tornar a leitura leve, atraente e motivadora. Como forma de fundamentarmos melhor está problemática, procuramos aprofundamento em livros de autores como Paín (1985), Bossa (1998), Kishimoto (2017), Oliveira (2019), Dantas (2019), Taille (2019), Possebon (2020) Wallon (1975), Andrade (1995) e plataformas digitais como Scielo e Google Classroom, entre outros.

CONTRIBUIÇÃO DAS EMOÇÕES PARA O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM.

Falar sobre nossas emoções é algo complexo, mas fundamental, principalmente neste momento de volta as aulas de forma presencial, pois ainda estamos impactados com a questão do distanciamento social e as perdas familiares nas quais alguns foram “obrigados” a conviver devido a pandemia da COVID-19. Possebon, (2020, p. 13 apud Martins, 2004, p. 23) afirma que as “emoções são reações globais, inatas e passageiras que têm uma função específica de cada ser”. Os sentimentos de medo, tristeza, alegria e raiva fazem parte da essência humana e nesse turbilhão de acontecimentos esses sentimentos estiveram e ainda estão presentes, com elevado grau de estresse. Voltar à normalidade será algo a ser reconstruído e aos poucos o “novo normal” vai surgindo.

Para Possebon (2020, p.7-8.), “a nossa capacidade de indignação, de solidariedade, a coragem para contestar, tudo isso nasce no campo da emoção. É a emoção que define a disponibilidade de sujeito para atuar, e a emoção expressa estima, segurança, interesse”. Para esta volta, devemos estar completamente inundados de afeto, empatia e resiliência, não podemos contribuir na vida educacional dos educandos principalmente na fase que se encontram de tamanho desenvolvimento se não estivermos abertos a recebê-los com suas demandas educacionais e emocionais.

Quando nossas emoções estão afetadas tudo parece ser mais difícil e quando falamos de crianças tudo fica mais “delicado”, pois jamais devemos invalidar suas emoções e a capacidade de lidar com elas, assim como muitas outras situações a maioria das crianças conseguem superá-las, desde que tenham apoio, orientação e acompanhamento adequado para adquirir ou aperfeiçoar as habilidades necessárias e dessa forma saber lidar com cada situação/problema que pode surgir.

Neste contexto, entra o papel do educador, trazer essa criança novamente para um lugar que é seu, onde o aprender é prazeroso e leve, onde possam se desenvolver em sua totalidade. Não podemos fingir que será “um mar de rosas” e que o educador sozinho tem o poder de realizar esta façanha, assim como antes a família tem que ser parceira da instituição escolar, acolher e se fazer próxima dos professores que receberão seus filhos de forma presencial, não esquecendo de ser empática com eles.

Um dos objetivos que a equipe escolar tem que ter é de introjetar e assimilar a importância de que o planejamento a educação emocional deve ser a máxima, transmitindo para seus profissionais o conhecimento necessário para poder aprender a lidar com as demandas difíceis que venham aparecer e ao mesmo tempo trabalhar com seus alunos suas emoções. Vejamos o que nos diz Possebon (2020, p. 8) “[...] a importância da educação emocional tem sido reconhecida em vários campos de conhecimento[...]”. O consentâneo processo educativo remete para assuntos relacionados a este campo, o papel do educador no desenvolvimento cognitivo e afetivo dos alunos, carece que se tenha um conhecimento das próprias emoções e respeitar as emoções dos outros.

A sala de aula para muitos será algo novo, pois até então a maioria só conheceu seus professores e colegas através de uma tela via aulas remotas, sabemos que o ser humano precisa de interação social para continuar evoluindo em seu aprendizado, a troca de experiências do outro agrega em nós novos conhecimentos, habilidades e atitudes. Vejamos o que nos diz Silva, (2017, p. 54 apud Wallon, 1975), “é o tipo de relação que o organismo tem com o meio que manterá as relações ao nível de mecanismo fisiológicos ou que os fará passar ao do psiquismo”. O autor deixa claro que somos seres sociais e assim sendo, precisamos uns dos outros para nos desenvolver em nossa totalidade.

Mais o que as emoções têm a ver com o processo de aprendizagem de nossas crianças? Pergunta de muita relevância para o atual cenário que estamos para vivenciar, e a resposta neste momento é muito incerta por vários motivos. É conveniente recordar-se de que o contexto da

escola pública é bem diferente das escolas particulares, muitas crianças neste período tão complicado de pandemia não tiveram acesso as aulas remotas, devido não terem condições financeiras para adquirir os meios tecnológicos, enquanto as escolas continuavam fechadas por não ter como seguir as normas sanitárias exigidas pelos órgãos competentes, esses alunos tiveram que interromper seus estudos de forma imediata e assim não conseguiram continuar aprendendo e interagindo com o outro. Escreve Traille, (2019, p. 31 apud Piaget, 1967):

“É a procura da reciprocidade entre os pontos de vista individuais que permite à inteligência construir este instrumento lógico que comanda os outros, e que é a lógica das relações. E, naturalmente, uma vez “iniciada” a cooperação pela sua convivência com iguais, a criança tenderá a exigir cada vez mais e de todos que se relacionem com ela dessa forma- contanto, evidentemente, que na sociedade em que vive sejam valorizadas as noções de igualdade e respeito mútuo”.

Nosso pensamento se volta para as criança que talvez cheguem assustadas ou muito eufóricas nessa retomada das aulas presenciais, então a meta é ser “tranquilizante” para seu coração, é ser calma em meio as incertezas, é deixar claro que o importante nesse momento é estimular o desejo de aprender, sem cobrança em relação aos resultados planejados, é ser “luz na escuridão” tanto para seus educandos quanto para as famílias e que essa rotina seja retomada de forma gradual, com atenção e responsabilidade, pois o vírus ainda é algo presente em nosso meio e aos poucos tudo vai se organizando para vivenciarmos esse “novo normal”. Ficou evidenciado durante este processo que o professor deve reavaliar sua forma de ensino e didática, as incertezas continuam e como esse aluno vai reagir cognitivamente e emocionalmente a essa volta também é algo indefinido.

Segundo Paín (1985, p. 17), “educar consiste então em ensinar, no sentido de mostrar, de estabelecer sinais, de marcar como se faz o que pode ser feito”. Pois bem, deixamos aqui uma sugestão, ao trabalhar os conteúdos neste “novo normal”, deve-se incluir de forma lúdica a questão da educação emocional com mais frequência, não podemos falar em aprendizagem se os fatores cognitivos, emocionais e sociais não estiverem em equilíbrio.

É conveniente destacar que frequentemente o educador para muitos educandos é um porto seguro, principalmente para aqueles que a única forma de ser escutado é quando seu professor lhe olha e enxerga sua “alma despida”, de acordo com Andrade (1995. p, 12), “quem escuta aprende, é um dom raríssimo”. E nesse retorno é o que mais deverá ser contemplado a escuta atenta, carinhosa e empática do educador para com seus alunos. Da mesma forma os profissionais educacionais devem ser acolhidos por toda a equipe, assim como pelos seus alunos e familiares.

Todos estamos tentando renascer igual uma “fênix”, estamos meio que “ressurgindo das cinzas”, após esse período de tantas angustias e perdas, assim como uma “fênix”, vamos renascer mais fortes, acreditando no nosso potencial e na capacidade de superação nossa e de nossos alunos, buscando alcançar os objetivos que foram traçados, sem esquecer de reforçar a importância de observarmos as mudanças necessárias para continuar seguindo os protocolos sanitários, pois, o vírus da COVID-19 ainda circula em nosso meio, apesar do “novo normal”.

A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO PARA A APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

O lúdico é algo presente no nosso dia-a-dia, trabalhar com crianças nos transporta muitas vezes para lugares da nossa infância, quando sugerimos uma brincadeira para trabalharmos um determinado assunto ou para observarmos o comportamento social do nosso aprendiz, nos “transportamos” para o mundo deles cheio de imaginação, alegrias, significados e aprendizado, esse “mundo” que um dia também já foi nosso e que devemos carrega-lo até o fim de nossa vida adulta, nossa “criança” interior não pode morrer, pois se deixarmos isso acontecer, viveremos em um eterno vazio. Muitos ainda têm a ideia de que o brincar é algo distante em relação a aprendizagem, que esses dois “universos” não conseguem se entrelaçar, porém quem tem a sorte de aprender com o lúdico, aprende com mais alegria e menos estresse.

A educação infantil é um campo lotado de possibilidades positivas em relação a transformação e ativação de novas habilidades e competências, quando estamos mediando uma brincadeira ou um jogo, observa-se o quando as crianças ficam empolgadas e felizes, pois ativa parte do cérebro que libera sensação de prazer e felicidade em aprender. Entre tanto, é necessário deixar claro que trabalhar com o lúdico necessita que tenhamos objetivos bem traçados e que os conteúdos e atividades que serão realizados estejam bem elaborados, para não perder a sua função educacional.

Kishimoto afirma (2011, p.107), “sabemos que as experiências positivas nos dão segurança e estímulo para o desenvolvimento. O jogo nos propicia a experiência do êxito, pois é significativo, possibilitando a autodescoberta, a assimilação e a integração com o mundo por meio de relações e de vivências”. Kishimoto, (1992, p. 28 apud Campagne, 1989) complementa:

“O significado do jogo é o que ele tem na área da educação, ou seja, associado à função lúdica e à pedagógica de forma equilibrada. O jogo com sua função lúdica de

propiciar diversão e prazer e mesmo desprazer ao ser escolhido de forma voluntária e o jogo com sua função educativa, aquele que ensina, completando o saber, o conhecimento e a descoberta do mundo pela criança”.

Portanto, fica claro que para esse retorno ao “novo normal” de forma presencial, os professores têm que introduzir o lúdico em seu planejamento de forma intensa para “resgatar” o interesse de estudar e aprender de seus alunos, dessa forma utilizando jogos, brincadeiras e brinquedos fica mais leve e prazeroso o aprender. Assim, vai estimular a criatividade, imaginação, cognição, socialização que podem ainda está afetadas devido o distanciamento social decorrente da COVID-19.

Seguindo essa estratégia acreditamos que é um meio para conseguir alcançar os objetivos traçados no planejamento, pois as incertezas existem e a forma como antes era ministrada as aulas precisa ser repensada e atualizada, sem esquecer de incluir também no planejamento a utilização das ferramentas tecnológicas que foram essenciais no período das aulas remotas, não podemos negar que esse recurso veio para ficar e devem ser incluídas como aliadas para o caminho das aprendizagens na educação infantil.

SUGESTÕES DE ATIVIDADES PARA OS PROFESSORES TRABALHAREM A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO EMOCIONAL COM SEUS APRENDENTES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Atividade I- Baralho das emoções (como eu me sinto?)

- Divida a turma em grupos pequenos e coloque as cartas sobre a mesa com as cartas viradas para cima. Um educando de cada grupo joga o dado. Quem tirar o maior número, puxa uma ficha que fica com a professora, nessa ficha está escrita alguma situação que vai mexer com a emoção. O grupo terá que escolher a carta do baralho que melhor revela o sentimento. **(Esta atividade trabalha os sentimentos, autoconhecimento e o conhecimento do outro)**

Atividade II- Desenhando o meu dia (alegrias e frustrações)

- Entregue para seus alunos uma folha A4 em branco, e peça para que eles desenhem como está sendo o dia deles. Quando terminarem o desenho, peça que troquem com o colega. Neste momento o professor vai perguntando a cada um o que eles observaram no desenho do outro. À medida que forem falando, o professor vai fazendo as intervenções necessárias para mostrar que precisamos falar dos nossos sentimentos para

aprender a lidar com eles de forma assertiva. **(Esta atividade trabalha a empatia, socialização, respeito pelos seus sentimentos e pelo o do outro)**

Atividade III- Virando a chave dos meus sentimentos (ressignificando os sentimentos)

- Faça um cartaz que tenha figuras com sentimentos de raiva, choro, desobediência, tristeza, medo. Peça para seus alunos observarem as imagens e que falem em voz alta o que cada figura significa. Em seguida, mostra fichas que possam sobrepor as figuras do cartaz, nessas fichas estão figuras opostas. O professor faz a pergunta quando estou com raiva posso mudar esse sentimento por qual? Os alunos em voz alta respondem, por exemplo calma e assim sucessivamente. **(Esta atividade trabalha questões de ressignificação dos sentimentos de forma lúdica e de respeito multou)**

CONCLUSÃO

Chegamos ao final do nosso artigo com o coração cheio de esperança, mesmo sabendo que o caminho não vai ser fácil, que as sequelas enfrentadas devido a COVID-19 ainda é algo latente em nosso meio. Devemos acreditar que dias melhores virão e que vamos conseguir superar as dificuldades que possam surgir com essa volta as aulas de forma presencial, a educação infantil é algo desafiador e ao mesmo tempo encantador, pois ser criança é ser luz e devemos nos espelhar nelas para continuarmos sendo farol para nossos alunos e conseguir iluminar seu caminho educacional, emocional e social, ajudando-os a restabelecer a confiança em si e assim continuar a fazer seus “voos” e evoluir em suas aprendizagens , que a interação com o outro será de grande ajuda para aliviar os medos e incertezas que possam vir átona.

Então convidamos todos que fazem parte deste contexto a se fazerem presentes nesta “toada” de retomada do aprender na forma presencial, acreditamos que só o trabalho coletivo, incluindo equipe escolar e família podem alcançar o sucesso no desenvolvimento das crianças que retornarão para escola. Que a empatia e resiliência sejam vivenciados todos os dias dentro e fora da sala de aula e que as demandas difíceis sejam combustível para alcançar os objetivos, que esses alunos consigam se sentirem acolhidos e amados para continuar desenvolvendo suas habilidades e competências e que se sintam felizes por estarem de volta ao ambiente educacional. Por fim, desejamos um retorno cheio de paz e experiências boas e gostaríamos de lembrá-los, professores, que vocês sempre serão fundamentais para alcançarmos um futuro melhor, mesmo diante de um vírus letal, vocês foram a esperança para que a educação pudesse continuar, vocês foram “fênix”.

REFERENCIAS

ANDRADE, M. I. **Educação para a saúde**: guia para professores e educadores. Lisboa: Texto Editora, 1995.

DIVERTIDA-MENTE; Direção: Pete Docter. Produção: Walt Disney Studios. Local: EUA, 2015. Disponível em: <https://educador360.com/gestao/divertidamente-liceos-sobre-nosso-emocional/>. Acesso: 15 de ago. 2021.

KISHIMOTO, T. M. **Jogos, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**- São Paulo: Cotez, 2011.

MONTUORI, A. **A Revisão de Literatura como Pesquisa Criativa** - ressignificando o ato de pesquisar como um processo criativo1Grupo de Pesquisa PROSA – Mestrado em Psicologia/UFAL - 2016

PAÍN, S. **Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem**/ Sara Paín; tradução Ana Maria Netto Machado- Porto alegre: Artmed, 1985.

POSSEBON, E. G. **As Três Fortalezas Emocionais**: medo, raiva e tristeza. Copyright 2020 kindel

POSSEBON, E. G. **Vivencias de Educação Emocional**. Copyright 2020.

SILVA R. F. da, **As Emoções e Sentimentos na Relação Professor-Aluno e Sua Importância para o Processo de Ensino e Aprendizagem**: contribuições da teoria de Henri Wallon. 2017 Disponível:

https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/150708/silva_rf_me_assis_int.pdf?sequence=6&isAllowed=y. Acesso: 10 set. 2021

TRAILLE, Y. de L. **Piaget, Vigotski, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão/ Yves de La Taille, Marta Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. - São Paulo: Summus 2019.

WALKER, S. **Revisões de Literatura**: conversas textuais produtivas e transformadoras. Grupo de Pesquisa em Psicologia Discursiva – PPG Psicologia / UFAL 2016.